

EL CAMINO



Ano 2021, n. 2, v. 1

Janeiro - Abril

MANCHETE

ANO SANTO COMPOSTELANO (JANEIRO-2021 ATÉ DEZEMBRO-2022)

Foi iniciado oficialmente o Ano Santo Compostelano no dia 31 de dezembro de 2020 e se encerra excepcionalmente em 31 de dezembro de 2022. A cerimônia emblemática de início desta celebração é a abertura da Porta Santa da Catedral de Santiago de Compostela. Esta porta, também chamada Porta do Perdão, é ladeada pelas estátuas de Teodoro e Atanásio (discípulos de Santiago) e fica localizada na parte traseira da igreja, dando acesso à Praça de Quintana.



Porta Santa ou Porta do Perdão, Catedral de Santiago.

O Ano Santo, também chamado Ano Jubilar Compostelano, é celebrado naqueles anos em que o dia de São Tiago (25 de julho) ocorre num domingo. A comemoração normalmente vigoraria apenas em 2021; mas foi prolongada até o final de 2022 devido à condição sanitária pela qual passa a humanidade.

Segundo a tradição católica, há indulgências (remissão dos pecados) especiais aos fiéis que visitarem a Catedral de Santiago durante o Ano Jubilar. Conforme o prof. Lopez Alcina, da Universidade de Santiago de Compostela, há evidências da celebração do Ano Santo a partir de 1434.

Convém alertar aos leitores que a partir de 1993 há um projeto publicitário denominado “*Ano Xacobeo*”, que consiste num programa de marketing da Galícia para incentivo de atividades de lazer, de turismo e de cultura durante os Anos Santos. Assim, alguns confundem Ano Santo (de motivação religiosa) com Ano Jacobeo (de cunho turístico), mas são duas coisas diferentes e complementares e que podem ser desfrutadas no mesmo período.

(R.A.V.)

CONTEÚDO

Editorial	2
Contos & Causos	3
Dicas & Experiências	6
Escola de História	7
Influências Romanas	8
Escola de Arquitetura	11
Escola de Filosofia	12
Informações gerais	13
Espaço da Criatividade	14
Símbolos do Caminho	15
Dicas & Experiências	16

EDITORIAL

“O verdadeiro Caminho começa em Santiago”. Podem-se extrair vários significados deste ditado galego, incluindo o lembrete de tentarmos transferir para o nosso cotidiano o aprendizado obtido no caminho a Santiago. Mas, as experiências do Caminho não precisam ser apenas aquelas que vivenciamos. Uma das missões deste Boletim é permitir a troca de experiências entre peregrinos, justamente para ampliar os benefícios do Caminho. Portanto, ler também é uma forma de terapia e, mesmo agora que não se pode ir ao Caminho, pode-se desfrutar dos benefícios dele através da leitura.

Neste número de “*EL CAMINO*” podemos desfrutar de vários textos que nos ajudam a superar alguns de nossos desafios cotidianos. São histórias que inspiram (p. 3, 6, 8 e 16), dão confiança (p. 4 e 5), educam (p. 7-12, 14, 15) e divertem (p. 14). Tenho certeza que os autores dedicaram muito esforço na pesquisa do material, na organização das ideias e informações, na redação e na conferência de seus textos.

Portanto, escrever também é uma forma de terapia. Na realidade, é muito mais do que isto: escrever é uma ato de amor divino, pois possibilita dividir as bênçãos e graças obtidas no Caminho. Nossa gratidão aos autores pela sua ajuda em nos tornar pessoas melhores.

No editorial anterior mencionamos o termo **HIPERLINK**. Este é um recurso que pode ser utilizado quando se lê este boletim no celular ou no computador. Todas as palavras (ou sentenças) grifadas podem ser tocadas e isto abrirá uma página na internet com informações extras. Popularmente é conhecido como “a toca do coelho”, pois leva o leitor a um mundo maravilhoso de informações adicionais. Aproveitem.

Para o próximo número, convidamos (p. 13) os interessados a apresentarem seus textos e fotos até o dia **25/julho/2021**. O tema para aquele número é **ESPERANÇA**.

BOM CAMINHO!

R.A.V.

“Lembre-se de Deus em tudo o que fizeres e Ele lhe mostrará o caminho certo.” Provérbios 3:6.



Altar da Catedral de Santiago de Compostela após a restauração. 2021, Creative Commons.

EXPEDIENTE

EL CAMINO - ACASARGS

Órgão de divulgação da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Estado do Rio Grande do Sul.

Periodicidade: Quadrimestral.

Endereço:

editor.acasargs@gmail.com

Os conteúdos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem a opinião dos editores ou da diretoria ou associados da ACASARGS.

Conselho Editorial

Editor: Ribas Vidal
Co-Editor 1: Maria Ester Adami
Co-Editor 2: Maria do Carmo Fajardo

Voluntários especialistas:

Ana Laura Desimone
Vars Braga Roman

Revisão Gramatical: P.M. e V.R.

Jornalista Responsável: Hélio Araújo.
Registro Profissional: JP23826RJ

Diretoria da ACASARGS

Presidente: Adriana Reis
Vice-Presidente: Gilberto Adami

1ª Secretária: Maria Ester Adami
2ª Secretária: Rosane Bairros

1º Tesoureiro: Julcimara Santos
2º Tesoureiro: João Carlos Cortes

As publicações de *EL CAMINO* são para os associados da ACASARGS ou convidados.

Todas matérias desta obra são Licenciadas pelo: Creative Commons: CC-BY-NC-SA. “*Voluntariamente feito por humanos para benefício da humanidade.*”

CONTOS & CAUSOS DO CAMINHO DE SANTIAGO

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

Autor: José Luis Díez (Málaga, Espanha, hospitaleiro e peregrino)

Este caso que vou narrar começou em julho de 2007, em San Martín del Camino (25 km depois de León). Depois de comer queijo branco e suco como jejum, minha mulher Fili e eu começamos nossa caminhada.

Atravessamos a ponte do Hospital de Órbigo, onde encontramos o Paco, cuja grande história me faz refletir até os dias de hoje. Resumo o que ele contou... Paco era casado, tinha cerca de 50 anos e era natural de Ciudad Real. Paco tinha uma deficiência física bem evidente (a mão esquerda com pouca mobilidade e a perna esquerda com a metade da espessura da direita); assim, ele mancava muito ao caminhar. Tinha começado a caminhar sozinho em Logroño há cerca de 15 dias e, depois de várias etapas, sentiu-se mal e voltou para casa num sábado. Paco gostava de ler o jornal aos domingos e assistir a corridas de motos e Fórmula 1. Mas, naquele domingo ele estava “esquisito”, pois não quis ler jornal nem assistir corridas. A mulher dele, que o conhecia muito bem, disse-lhe: “vai continuar o teu Caminho!” Alegremente, Paco começou a arrumar a mochila que havia desfeito há algumas horas e, naquela mesma noite, partiu de ônibus para Logroño. Paco parecia feliz quando o vimos caminhando. Nós o avistamos ao longe e percebemos que ele mancava acentuadamente e tinha a mochila cruzada nas costas devido ao corpo malformado.

Ao chegarmos em Astorga, fomos para o Albergue Paroquial. Este albergue tem muitas plantas e antigamente era um convento. Após o jantar maravilhoso, passearmos pela cidade e voltamos ao albergue. No dia seguinte levantamos às 5h30m e saímos sem tomar café da manhã, apenas comemos frutas enquanto atravessávamos a cidade dorminhoca. Depois da longa caminhada chegamos a Rabanal del Camino e paramos numa lanchonete/Albergue para comer uma deliciosa omelete espanhola.

Ali encontramos o Paco, já banhado e dedicado à árdua tarefa de tratar as bolhas dos pés com uma só mão! Ele parecia cansado, mas assobiava feliz e contente.

Depois de descansar um pouco, decidimos avançar até Foncebadón, onde chegaríamos depois de 7 km de subida. Então nos hospedamos no albergue paroquial. Por volta das 19 horas, o jantar começou a ser preparado por todos que quisessem ajudar. No total, 28 pessoas se sentaram à mesa. O cardápio: arroz cozido com atum, ovo ralado e tomate frito; de sobremesa um delicioso bolo de cenoura (chamado carlota em Valência) e biscoitos Maria embebidos em licor. Antes de começar a refeição, todos fizemos uma oração, cada qual em seu idioma. Nunca soube se alguém não gostou da comida, pois tudo foi devorado. Depois de lavarmos as louças, o hospitaleiro arrumou a mesa comprida com o que seria nosso café da manhã: pão, manteiga, café, geleia, enfim, um verdadeiro luxo.

Quando fui descansar me despedi do hospitaleiro. Percebia-se que ele estava muito cansado mas parecia feliz. Ele me explicou que estava concluindo seu turno de quinze dias como hospitaleiro. Disse que tinha decidido fazer este voluntariado porque uma vez, enquanto fazia a sua peregrinação, chegou atrasado a um albergue, mas o hospitaleiro deu-lhe um prato de sopa quente. Depois de comer sozinho, foi lavar a louça e viu uma caixa de papelão com moedas e notas (quase 50 euros) e uma placa que dizia “tira o que necessitas e deixa o que puderes”. Ele ficou muito impressionado e prometeu a si mesmo retribuir ao Caminho um pouquinho do muito que recebera. Ser hospitaleiro era sua maneira de fazê-lo. Eu fiquei positivamente impressionado com todos estes personagens e também prometi a mim mesmo ser hospitaleiro um dia.

Tradução R.A.V.

“É só através de nós que caminhamos.” Fernando Pessoa.



Vereda rumo ao Km 0. 2017 © Rosana Montano.

CONTOS & CAUSOS

APRENDI A TER FÉ NO CAMINHO

Autor: [Phil Woodford](#) (Wyoming, EUA, hospitaleiro e peregrino)

Aqui estávamos nós, de volta à Espanha. Esta viagem já iniciava me recordando algo que aprendi em dezembro do ano passado, enquanto caminhava para Grañón. O Caminho nos ensina a ter fé. Fé de que haverá uma seta amarela para apontar o caminho. Como pode ser visto nas fotos abaixo, algumas flechas são mais fáceis de ver do que outras.

Fé de que haverá uma cama no final do dia. Fé de que haverá um lugar próximo para comer ou comprar e preparar comida. Fé de que haverá outros peregrinos com quem eu possa conversar. Eles nem precisam falar a minha língua, pois os peregrinos parecem descobrir como se comunicar.

Enfim, havíamos recém desembarcado no aeroporto de Madrid e fui procurar por um trem que nos levasse até Santiago de Compostela.

Encontramos um escritório da Renfe (sistema ferroviário espanhol) no aeroporto. Uma verificação no computador mostrou que os únicos ingressos disponíveis eram para deficientes físicos. Uma jovem espanhola que falava inglês se ofereceu para nos ajudar e ficar conosco depois de comprássemos as passagens.

Como o trem estava de partida, recebemos as duas últimas passagens do trem que seguia ao nosso destino. Sim, parecia incrível que, como mágica, uma senhora que falasse inglês nos ajudaria. Parecia um milagre que encontramos uma maneira de chegar a Santiago ainda naquele mesmo dia.

Estes são apenas alguns exemplos de fé que aprendi a ter no Caminho.

Tradução R.A.V.



CONTOS & CAUSOS

PERDIDO EM AZOFRA! - PARTE 2

Autor: Ribas Vidal (Porto Alegre, hospitaleiro e peregrino)

(Continuação do Informativo n.2, v.2, p.8)

Recapitulando o ocorrido... Era uma noite muito escura. Eu estava perdido numa estrada de terra tentando voltar para Nájera! Eu estava sem celular, sem lanterna, sem mapa e sem blusa de frio. Depois que o sol sumiu, esfriou rapidamente. Encontrei diversas bifurcações na estrada de terra, mas nada de seta amarela.

Em cada bifurcação, eu escolhia a rota na direção das luzes de Nájera. Mas, sempre havia uma curva que acabava me afastando da direção desejada. Depois de umas três estradinhas diferentes, finalmente encontrei uma asfaltada. Não exitei, tomei esta rodovia, pois mesmo sem placas, imaginei que ela me levaria até Nájera. Caminhei apressadamente por um tempo que me pareceu infinito. Finalmente cheguei a um entroncamento com outra rodovia (ao redigir este texto deduzi ser a N-120a). Segui à direita, na direção que, pensei, ficava Nájera.

Depois de uns 20 minutos fiquei novamente incerto de onde estava, pois não havia placas. Vi do outro lado da estrada uma construção que me pareceu estranha. Fui até lá para pedir informações e, então, vi que era uma garagem de máquinas de colheita de uva.

Havia uma camionete parada no estacionamento e percebi que a motorista era uma senhorinha. Fiquei receoso de assustá-la naquela escuridão, mas a minha necessidade de informações foi maior. Tossi para alertá-la da minha presença e expliquei que era hospitaleiro perdido.

Para meu espanto, sem demonstrar medo, a mulher saiu do carro e me disse que não me levaria lá porque estava esperando o marido terminar o turno. Mas, me explicou um atalho até o centro de Nájera e me deu uma blusa velha. "Depois de usares, podes doar para um peregrino!", ela exclamou.

"A magia do Caminho age novamente", pensei comigo mesmo.

Ela me informou, também que eram quase 21h. Pensei na preocupação dos meus parceiros hospitaleiros e apertei, ainda mais, o passo. Pelos meus cálculos, devo ter andado perdido uns 12 km, mas "**Não está perdido, quem sabe aonde vai**", filosofei.

Esta experiência me lembrou da magia do Caminho e, como hospitaleiro, agora eu era o mágico. Os meus truques incluíam chá de camomila e música.

Mas, jamais vou esquecer a minha primeira mágica. Numa tarde, eu fazia a ronda vespertina pelo salão dormitório, em Nájera, quando percebi uma senhora bem idosa fazendo alongamento. Então perguntei se ela estava muito cansada da caminhada. Ela me explicou que era colombiana e maratonista de terceira idade, então estava acostumada a fazer longos percursos.

"A senhora parece triste", falei. Ela me informou que era seu aniversário de 75 anos e que estava com saudades do filho. Ao lhe dizer que eu lhe faria "*una fiesta com tarta y velas*", seu rosto se iluminou com um belo sorriso.

Tínhamos um pacote grande com madalenas (bolinhos) na geladeira. Coloquei no micro-ondas para esquentar, arrumei uns pratinhos nas mesas e chamei todos os que estavam acordados. Havia uns dois peregrinos com violão e, então, foi fácil cantar o "Parabéns para você" em diversas línguas, incluindo o "Parabéns gaudério".

SIM, existe magia, eu sou o mágico!

O grande desafio que apresento aos leitores é... como manter o Modo-Magia na nossa vida diária após concluir o Caminho?

"Perder-se é também caminho." Clarisse Lispector.

DICAS & EXPERIÊNCIAS

ALGUMAS COINCIDÊNCIAS AO LONGO DO CAMINHO

Autora: Raquel González García (Madri, Espanha, hospiteira e peregrina)

Decidi ser hospiteira voluntária para agradecer e retribuir ao Caminho de Santiago os benefícios que recebi de minhas peregrinações. Nada supera a satisfação que se sente ao cuidar de quem precisa. O caso que vou narrar ocorreu na minha primeira experiência como hospiteira, no Albergue San Miguel, localizado em Estella na comunidade de Navarra.

O albergue fica perto da famosa fonte de vinho na saída da cidade e os hospiteiros têm o hábito de ir até lá para buscar vinho para servir aos peregrinos na hora do jantar. Este albergue tem uma cozinha pequena, portanto, uma de nossas funções é incentivar os peregrinos a cozinham juntos e compartilham o espaço da forma mais amigável possível.

No último dia da minha quinzena como hospiteira (pelas normas do HOSVOL), após a limpeza da manhã, fui fazer as últimas compras para deixar tudo organizado para os próximos hospiteiros do HOSVOL. No retorno já encontrei esperando mais de meia dúzia de peregrinos e percebi que eles pararam cedo, provavelmente porque ainda tinham as pernas doloridas devido ao esforço para subir ao Alto do Perdão, após Pamplona.

Quando fiz o registro deles no livro, percebi que só havia um casal de amigos, os demais estavam caminhando sozinhos e nenhum deles se conhecia pelo nome. De fato, havia uma exceção, um professor de inglês (Chiru) conhecia a todos. Esse professor tinha um sorriso cativante, daqueles que transmitem a sensação de ser peregrino; apresentava um olhar direto; e possuía um coração e mentalidade aberta, mostrando-se disposto a conversar com qualquer pessoa que lhe cruzasse o caminho (da vida); conferindo confiança, senso de humor e gentileza para com os outros.



Famosa fonte de vinho.

Graças a ele, Begoña (a Maña), fez uma paella para todos com a receita da mãe do Chiru, José nos deliciou cantando “*Ultreia et Suseia*” ao longo da noite, o casal alemão riu muito, mesmo sem entender, das piadas que foram feitas pelos jovens de Maiorca e Saragoça. Enfim, estou me antecipando aos fatos. Antes, todos eles entraram num acordo para fazer um inventário dos ingredientes que tinham sido deixados na cozinha por outros peregrinos e partiram para comprar o que faltava.

Foi uma noite adorável, mas nos custou muito para fazer com que os italianos entenderem que apesar de o jantar parecer uma festa, havia um toque de recolher às dez horas (tínhamos que desligar as luzes e trancar as portas). Portanto, antes disso, eles tinham que: encerrar o jantar, lavar e guardar toda a louça, e limpar tudo. Tínhamos que ser rigorosos neste quesito, pois depois deles arrumarem a bagunça é que nós, os hospiteiros, íamos preparar as coisas para o café da manhã (a única coisa que era incumbência do HOSVOL para os peregrinos).

Já quase na hora de dormir, o Chiru improvisou um poema acróstico com os nomes de todos que estávamos lá e o declamou magnificamente. A alemã (que se comunicava comigo em inglês) cantou “*Dream a little dream of me*” com uma voz muito doce e suave, enquanto brindava cada pessoa com um abraço de agradecimento pela magia do momento.

Depois me informaram por e-mail que: a Maña, os alemães, os italianos, José (que cantou “*Ultreia*”) e, claro, Chiru, continuaram caminhando juntos durante muitos dias, graças àquela noite maravilhosa onde puderam compartilhar sua humanidade. Ao longo do Caminho, eles foram se enturmando com outros peregrinos com quem tinham estado em albergues anteriormente. Graças ao ambiente do Albergue Paroquial San Miguel, de Estella, e de outros albergues gerenciados pelo HOSVOL, o espírito do Caminho assume todo o seu significado e possibilita que os peregrinos possam retribuir de volta o que receberam do Caminho, um olhar gentil para o seu próximo, além de...

... Amor e fé na humanidade.
Paz.



Tradução R.A.V.

O CAMINHO DE SANTIAGO COMO ESCOLA ...

... DE HISTÓRIA

NARRATIVAS SOBRE AS ORIGENS DO CAMINHO – 3. ROMANA

Autor: Antônio Vieira de Almeida

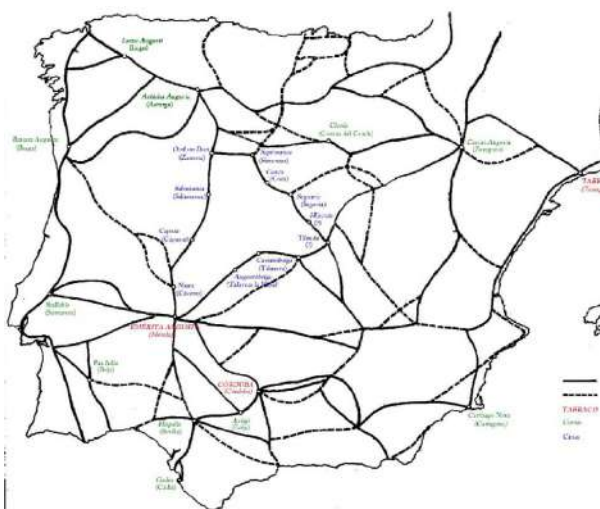
No auge do império Romano, em 117 d.C., o território se estendia da atual Inglaterra e península Ibérica (no oeste), ao sul da atual Alemanha (ao norte), à atual Turquia (no leste) e ao norte do continente africano (na fronteira sul). As famosas estradas romanas foram fundamentais para permitir o domínio desse imenso território.

Na península ibérica, algumas dessas estradas já eram utilizadas há mais de dois séculos a.C. Um exemplo emblemático ocorreu durante a Segunda Guerra Púnica (entre o império de Cartago e o de Roma, 218-201 A.C.). Neste conflito, o comandante cartaginense Aníbal (mais um exército de 45 mil soldados e, ainda, cavalos e elefantes) chegou com navios até o sul da atual Espanha, atravessou os Alpes, cruzou a península itálica na missão de atacar a cidade de Roma. Uma façanha desta magnitude somente seria realizado em estradas bem consolidadas.

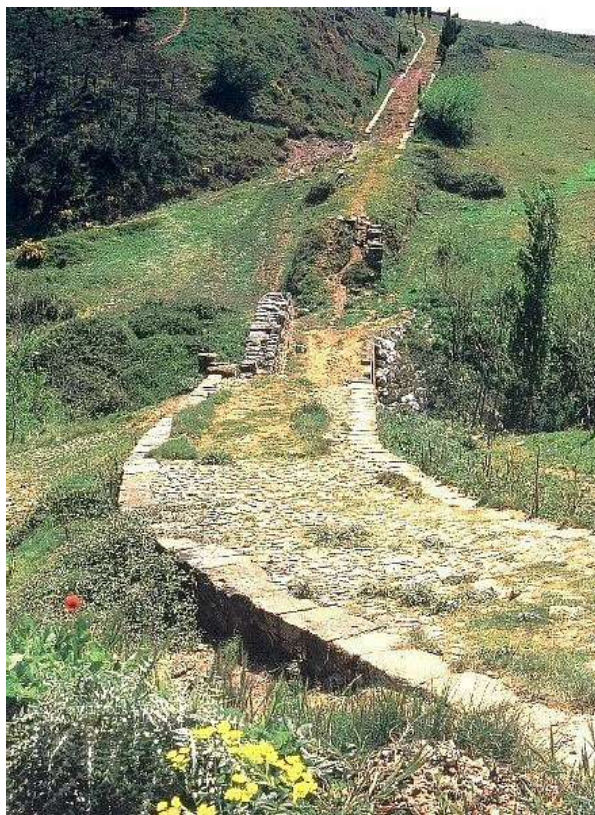
Evidências arqueológicas indicam a existência de um templo romano sob a catedral de Santiago de Compostela. Esse templo romano atendia à população do povoado de Assegonia, o qual existia entre os séculos I a.C. e V d.C.

Na mitologia romana, Jano tem duas faces e era a divindade do início e fim (transição) e do tempo (passado e futuro). O mês de janeiro é uma homenagem a este mito. Conta a lenda que, para se tornarem cidadãos de Roma, era exigido que as pessoas da antiga Hispânia percorressem o “caminho de Jano” (em latim: “*Callis Ianus*”). Então, por metonímia, surgiram as palavras “Callistianus”, Calistino, Calisto. Enfim, especula-se que o “Codex Calixtinus” (atribuída ao Papa Calisto II) seja uma “homenagem” ao antigo caminho romano pelos monges de Cluny (criadores do Codex). O “Caminho de Jano” se iniciava na Venus Pyrenea (atual Cabo de Creus) e terminava em Ara Solis, em Touriñán.

Em conclusão, a influência romana no Caminho de Santiago é encontrada em registros históricos, arqueológicos, linguísticos, em lendas, mitos e tradições que estão presentes neste roteiro de peregrinação.



Estradas romanas na península Ibérica. 2006 ©, Celtiberia.



Estrada romana em Ziraquí. 2014 (CC), Jaume, Wikipedia.

INFLUÊNCIAS ROMANAS

ALMA NO CAMINHO

Autor: Vars Braga Roman (São Paulo, hospitaleiro e peregrino)

Numa fria manhã de outono, com o sol ainda tentando passar pela névoa espessa, a peregrina Alma deixou o albergue em Ponte de Lima rumo a Rubiães. Sabia que enfrentaria um dia difícil, pois nesse trecho teria de vencer a subida da Labruja. No trajeto, parou um pouco na Cruz dos Francos, deixou sua pedra e fez uma oração agradecendo ao Deus Celta Cernunnos por desfrutar de uma natureza harmoniosa, com um bosque cheio de pássaros cantando e muitos arbustos floridos.

Ela continuou subindo até passar pelo Alto da Portela Grande, atingindo o ponto mais alto nesse dia de caminhada. Estava exausta, mas muito feliz por ter suplantado esse desafio. E quando iniciou a descida para Rubiães resolveu se sentar um pouco na escada de entrada da Igreja de São Pedro, onde ficou observando o miliário do Imperador Caracalla – que fica no átrio da igreja e sinaliza a [Via Romana XIX – itinerário que ligava Bracara com Lvcvs e Asturica](#), todas “augustas” e logo em seguida adormeceu.

Dormiu profundamente e sonhou que passava por ela uma legião de romanos que vinha de Ponte de Lima. A legião, com diversas centúrias, era comandada pelo cônsul romano Décimo Júnio Bruto. Um dos centuriões sentou-se ao seu lado e lhe contou que eles haviam acabado de atravessar o rio Lima, confessando que, inicialmente, tiveram muito medo de atravessá-lo, pois apesar de já estarem caminhando há muito tempo – e já terem passado pelos rios Tejo, Mondego e Douro –, havia uma lenda de que aquele seria o rio Lete (Lethes) e, se o cruzassem, esqueceriam de tudo e de todos.

Um dos oficiais disse: “– É o rio Lete, daqui não passaremos!”. Foi quando o cônsul, que comandava as tropas, tentou convencer os centuriões de que não tinham chegado à fronteira final e que, para conquistarem outros territórios, precisavam atravessar o rio, afinal seu objetivo era chegarem aos confins do mundo.

Como não conseguiu sensibilizar seus comandados, Décimo Júnio Bruto pegou o estandarte da legião com a Águia Imperial, esporeou seu cavalo e atravessou o rio Lima. Chegando à outra margem começou a chamar todos os seus homens pelo nome e, então, convenceu seu exército de que não havia perdido a memória e que poderiam, enfim, atravessar o rio em segurança e continuar sua jornada rumo ao fim do mundo.

Nesse momento Alma acordou de seu sono profundo e ficou procurando o centurião e se perguntando como aquele momento poderia ter sido tão real! Nos dias seguintes, até chegar a Santiago de Compostela, caminhou a maior parte do tempo sozinha e introspectiva, prestando atenção aos sinais que o caminho lhe mostrava.

Quando chegou a Santiago resolveu caminhar até Finisterra – onde era o fim do mundo na época romana – e, sentada na pedra em forma de mesa quadrada chamada Ara Solis, rezou a São Tiago em agradecimento pela sua vida, e perguntou em silêncio:

“– O que é realidade e o que é sonho em nossa peregrinação?”



Ponte Romana, Ponte de Lima, Portugal. Wikicommons.



Igreja de S. Pedro, Rubiães, Portugal. Wikicommons.

INFLUÊNCIAS ROMANAS

OS VESTÍGIOS DO POVO ROMANO NO CAMINHO DE SANTIAGO

Autor: Hélio Araújo (Rio de Janeiro, hospitaleiro, peregrino)

Quando tive despertado em mim o desejo de fazer o Caminho de Santiago, me chamou a atenção as inúmeras citações sobre o legado romano ao longo das diversas rotas. Afinal, como nos conta a História, os romanos construíram ao longo de todo o Império milhares de quilômetros de calçadas e pontes, que formavam uma complexa rede de comunicação, constituída por diversos tipos de vias.

Em minhas pesquisas, através de textos na internet, em livros ou mesmo em palestras que assisti, encontrei citações sobre como os dominadores romanos se aproveitaram de caminhos e rotas desenvolvidos e utilizados, ainda antes, pelos deslocamentos nômades do povo Celta.

Assim, quando parti para meu primeiro Caminho de Santiago – o Português, em 2015, o fiz com a esperança de encontrar alguns desses vestígios, como as famosas calçadas romanas. Parte do traçado desta rota herdou estradas e caminhos antigos, como a Via XIX, construída no século I d. C., que ligava Braga a Astorga através de Ponte de Lima, Tui, Pontevedra, Santiago e Lugo, e que foi uma das calçadas romanas mais importantes, pois estruturou a Gallaecia (região localizada no noroeste da antiga Hispânia). Tive a oportunidade de fotografar um desses trechos (uma ponte com o marco ao lado), assinalado Via Romana XIX (Ver **Foto na p. 13**).

O adro da igreja Românica de Rubiães ostenta um miliário, testemunho da passagem da Via Romana, assim como o rio Coura, que deve ser cruzado pela ponte de Peorado, feita de alicerces romanos e reedificação medieval.

Durante meu Caminho Francês, em 2017, também pude percorrer trilhas e rotas que os romanos haviam trilhado, embora em muitos casos não haja mais vestígios dessa civilização. É o caso de um trecho logo depois de Sahagún, em direção à Calzada del Coto, conhecido como Calzada Romana ou Via Trajana, que segue fielmente o traçado da antiga Via Romana.

Os escritos históricos dão conta que o ermitão Domingo García se instalou em um bosque e não mediu esforços para ajudar os peregrinos a atravessar essas terras para chegar a Santiago. Assim, construiu um hospital, um templo religioso para oferecer o alívio espiritual e restaurou as antigas calçadas romanas que atravessavam a região, surgindo, assim, a cidade de Santo Domingo de la Calzada, uma das mais conhecidas do Caminho Francês.

Na mesma rota, entre Calzadilla de los Hermanillos e Puente Villarente, também é possível encontrar um grande trecho do que seriam as calçadas romanas, ao lado da longa estrada de terra avermelhada, que se perde no horizonte. Em Astorga, o peregrino pode conhecer o Museu Romano, onde escavações a céu aberto estão expostas na casa Romana, assim como partes do Fórum e das Termas, além de pinturas e diversos objetos.

Em 2019, depois de percorrer o Caminho Inglês, saindo de Ferrol, e chegar a Santiago de Compostela, resolvi seguir para Muxia e Finisterra. Nesta última, situada às margens do Monte Facho, uma colina suave com vistas impressionantes à sua volta, os romanos também tiveram papel destacado em tempos remotos. Foi ali que os conquistadores romanos avistaram, pela primeira vez, o simples templo de pedra construído pelos “*gallaeci*” (celtas) para cultuar o sol, o Ara Solis, que consistia de quatro colunas de granito e uma fina cúpula. Para os romanos, o templo foi erguido no local que eles consideravam ser o “fim do mundo”.

A presença do povo romano no Caminho de Santiago é, portanto, muito forte e caminhar por estes trajetos nos ajudam a compreender o modo de vida, organização social e política, religião e os diversos aspectos daquela civilização, além de comprovarmos a importância do Império Romano para o desenvolvimento de toda a região.

INFLUÊNCIAS ROMANAS

GRUPO DE BOMBOS SÃO BENTO DE VAIRÃO

Autor: Ribas Vidal

Havia um intenso nevoeiro naquele sábado a noite, no final de novembro de 2019. Terminava a minha primeira semana como hospiteiro do Monastério de Vairão (situado no Caminho Central Português) e estava muito frio e chuvoso desde então.

Por volta das 19 h eu fiz uma ronda para verificar se havia alguma dúvida dos hóspedes e percebi a ausência de dois peregrinos ingleses. Neste momento ocorreu uma coincidência fantástica: bem ao longe ouvia-se o som de gaita de foles. Indaguei se algum dos presentes me acompanhava para ver o que ocorria. A recusa foi geral, devido ao frio intenso. Eu não me intimidei: coloquei outra blusa de lã; vesti o meu poncho térmico de chuva (para ser utilizado com material reflexivo virado para dentro); calcei minhas botas; peguei o guarda-chuva que a D. Alice (anfitriã e guardiã local) me emprestou e saí, seguindo a intensidade do som como guia.

Depois de algumas curvas, dúvidas e certezas; finalmente avistei um grupo tocando na rua. Eram músicas alegres, ritmadas e pareciam marchinhas. A princípio fiquei observando de longe mas, aos poucos, fui me aproximando. Havia várias gaitas de fole, muitas malacachetas (caixas de repique) e diversos surdos (bombos).

Além de boa música havia uma coreografia surpreendente. A densa neblina dava a impressão que os músicos estavam flutuando ao ritmo da melodia (ver vídeo).

O líder do grupo (tocando o bombo) acenou para que eu me aproximasse. Ao terminar a música ele apresentou o grupo. E acenou novamente para a direção de onde eu viera. Virei e avistei os “meus peregrinos” ingleses que voltavam do restaurante. Após tocar uma outra música, o líder perguntou de onde eramos e novamente apresentou o Grupo de Bombos.

Em seguida ele nos surpreendeu ao informar a origem da gaita de fole. NÃO, ela não é inglesa ou escocesa!! A origem é incerta (ver links abaixo), mas a gaita de fole chegou à Portugal (e também à Espanha e à Inglaterra) pelas mãos dos romanos, há mais de 2 mil anos.

Após o término do ensaio, voltamos ao Mosteiro e fomos conferir na internet a origem da gaita de foles. “É tão bom viajar, ajuda a conhecermos nossa própria casa (*it's so good to travel, it helps to learn about home*)”, disseram os ingleses!

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=gSHtg4kStiw&feature=youtu.be>

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/grupodebombos.bentodevairao/>
História da Gaita de Fole: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaita_de_fole#Hist%C3%B3ria
History of the Bag Pipes: <https://en.wikipedia.org/wiki/Bagpipes#History>



O CAMINHO DE SANTIAGO COMO ESCOLA ...

... DE ARQUITETURA

3. GÓTICO E A CATEDRAL DE SANTA MARIA DE BURGOS

Autora: Ana Laura Desimone (Buenos Aires, Argentina, hospitaleira, peregrina)

A arquitetura gótica começou a se desenvolver na França desde o século XII até o final do século XV. Exceto durante a Peste Bubônica (1343-1353), neste período houve crescimento demográfico contínuo (devido a chegada de populações do campo às cidades), aliado ao grande desenvolvimento econômico e ao incremento do padrão de vida. Isso aumentou a demanda pela quantidade e variedade de construções. A difusão deste estilo arquitetônico para outros países ocorreu, entre outros, pelas rotas de peregrinação.

As novas ordens cristãs dos cistercienses, franciscanos e dominicanos começaram a encomendar obras, formando organizações internacionais com métodos construtivos unificados. Assim, a demanda por uma tecnologia e um repertório comuns aumentaram, e o movimento gótico determinou precisamente um nível unitário e europeu de cultura arquitetônica. Mantendo o caráter da cidade românica, o movimento gótico forneceu uma série de métodos para materializar rapidamente sua extensão:

- A simetria na planta foi mantida, mas sua aplicação na alimetria foi flexibilizada. A planta central deixou de ser frequente e os edifícios mais representativos localizaram-se claramente em uma direção determinada.

- A diferença entre a estrutura de suporte e os elementos de fechamento foi radicalmente estabelecida. Para o suporte utilizaram-se sistemas de pilastras, contrafortes, arcobotantes e pináculos. Para o fechamento utilizaram-se elementos leves, murais ou vidrados. Assim, o perímetro do edifício ganhou um caráter descontínuo e o seu interior ganhou um caráter muito arejado e luminoso.

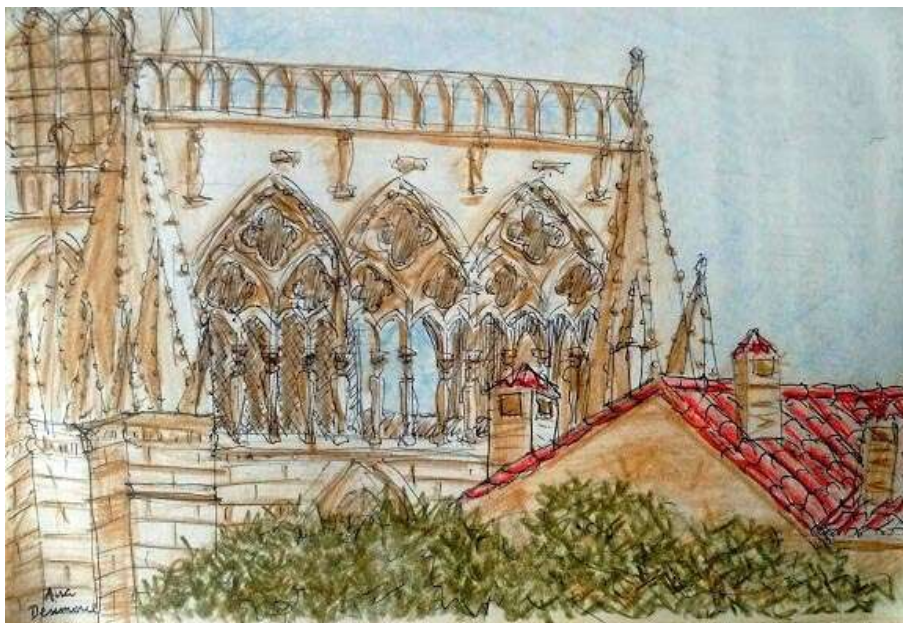
- Foi generalizado o uso da abóbada em cruzaria nervurada, partindo de qualquer número de pilastras e atenuando, com a sua continuidade, as divisórias horizontais.

- Tornou-se imprescindível o uso do arco ogival, que diminui os empuxos e desvincula a altura de sua largura e, portanto, aumentando a verticalidade da obra.

- O repertório decorativo do interior foi reduzido. Foi dada importância à decoração escultórica do exterior em portais, frisos e zonas altas, com uma forte intenção simbólica.

Segundo estes métodos, a Catedral de Santa Maria de Burgos é a primeira catedral gótica da Península Ibérica. Construída a partir de 1221 sobre um antigo templo românico, a nova catedral foi desenhada segundo os padrões do gótico gaulês, evidenciando a capacidade de comunicação que os reinos hispânicos alcançaram com o resto da Europa graças ao Caminho de Santiago. Seu desenho foi inspirado na catedral francesa de Reims. Tem uma planta basílica em cruz latina, com três naves no braço principal, nave única no transepto e cabeceira rodeada por deambulatório com capelas poligonais, orientada de leste (cabeceira) a oeste (fachada principal). Suas ampliações duraram séculos. As agulhas perfuradas, a primeira cúpula e as abóbadas nervuradas de vários desenhos, foram feitas de acordo com as características do gótico germânico tardio do século XV. Durante os séculos XVII e XVIII, a cúpula foi renovada e novas capelas foram adicionadas de acordo com a seguinte tendência arquitetônica: o Barroco.

<http://elcuadernodecompostela.blogspot.com>



Catedral de Santa Maria de Burgos. © 2018 Ana Laura Desimone.

O CAMINHO DE SANTIAGO COMO ESCOLA...

... DE FILOSOFIA

ESPADA DE DÂMOCLES: PARTE 1

Autor: Francisco Fernandes de Souza (São Paulo, peregrino)

Uma história real, uma metáfora, uma história moral? Ou simplesmente uma anedota?

Muito se fala de Dâmocles e da famosa espada que o atormentou por toda sua vida.

Segundo a enciclopédia Wikipedia, trata-se apenas de uma anedota moral que figurou originalmente na história perdida da Sicília, contada por Timeu de Tauronênio (c.356 – 260 a.C) e que foi divulgada por Cícero em suas “Tusculan Disputationes”.

Seja lá o que tenha sido, é certo que a história ganhou força e permanece viva, até hoje, com vários significados.

Dâmocles teria sido um “bon vivant”, que frequentava a corte de Dionísio de Siracusa, cortejador de belas garotas e apreciador de boas comidas e bebidas.

Para agradar o tirano, Dâmocles não economizava adjetivos e elogios, ressaltando , sobretudo, a sorte do ditador, em todos os sentidos. Na verdade Dâmocles tinha, no íntimo, inveja do poder e das mordomias que a corte e o exercício do poder proporcionavam ao rei.

Por sua vez, Dionísio ao perceber a inveja e a sede de poder que Dâmocles alimentava, quis dar-lhe uma lição e sugeriu ao mesmo que trocasse de lugar com ele por um dia para que sentisse não só o gosto, mas também o ônus do poder.

E assim foi feito: Dâmocles, se esbaldando no conforto que o poder proporcionava e tomando um porre de mordomias, sequer percebeu o que pairava sobre sua cabeça; de repente, ao acariciar os cabelos de sua garota favorita, uma loira de olhos claros, olhando de soslaio percebeu algo estranho que permanecia imóvel acima de si.

De início pensou tratar-se de uma naja pronta para dar o bote; porém, fixando o olhar no objeto chegou a uma inexorável e terrível conclusão: tratava-se de uma enorme e afiada espada, pendurada por uma frágil crina de cavalo que, ao menor contato, lhe atingiria o pescoço decepando-lhe a cabeça. Era, sem a menor dúvida, uma cilada adremente preparada por Dionísio (que não dava ponto sem nó) para que o trêfego e folclórico Dâmocles se conscientizasse de que nem tudo na vida é confortável e maravilhoso e que o exercício do poder envolve também insegurança e sobretudo perigo. Foi, então que Dâmocles partiu em desabalada carreira, largando tudo para trás e gritando que nunca mais queria ser importante e muito menos ser rei.

Conta a lenda que os gritos de Dâmocles poderiam ser ouvidos a um quilômetro de distância, tal era seu pavor. E corria tanto que o calcanhar batia nas nádegas. Sem exagero, dizem que está correndo até hoje.

A lenda da espada de Dâmocles será lembrada para sempre, em muitos campos da ciência, como, por exemplo, na Psiquiatria, Psicologia, Direito, etc, e até mesmo no cotidiano das pessoas.

Muito comentada é a chamada “síndrome de Dâmocles”, que se refere à ansiedade que alguns pacientes apresentam após a superação de uma doença. Segundo Baker, K (1987) Enciclopédia da Benet’s Reader os sintomas são: “o medo da recaída pode ser irracional e muito intenso; o sujeito apresenta altos níveis de ansiedade antes de realizar exames de rotina; a angústia começa um pouco depois de ser descarregada; há presença de pensamentos intrusivos e catastróficos.”

Durante a peregrinação no Caminho de Santiago há oportunidade para refletir nas lições que podemos tirar desta história...

... Continua no *El Camino*, v. 2, n. 2.

INFORMAÇÕES GERAIS

MATÉRIAS E FOTOS PARA O PRÓXIMO NÚMERO

Textos com conteúdos pertinentes para *El Camino* podem ser enviados até 25/julho/2021.

Eles podem ser enviados ao e-mail: editor.acasargs@gmail.com.

Dimensões: textos com 350 a 500 palavras.

TEMA: ESPERANÇA.

PAGINAS DA ACASARGS

<https://acasargs.com.br/>

Próximos eventos, novidades, informações, instruções e dicas sobre os preparativos para fazer o Caminho de Santiago de Compostela.

Dicas e os mapas sobre os Caminhos de Caravaggio.

Também estão disponíveis as diretrizes para elaboração dos textos para *EL CAMINO*.

<https://www.facebook.com/acasargs>

Aqui estão as Lives e outras notícias de última hora. Aprecie as fotos dos peregrinos que estão percorrendo o Caminho de Santiago de Compostela ou de Caravaggio.

Envie uma mensagem de apoio às experiências e "aventuras" de outros caminhantes.

Os que estão nos Caminhos podem postar suas fotos e compartilhar suas experiências "ao vivo".



Via Romana XIX, em Valença do Minho, Porriño, Caminho Português de Santiago. 2015 © Hélio Araújo.

"O essencial é não perder a orientação." Gabriel García Márquez.

DIREITOS AUTORAIS E LICENCIAMENTO DESTA OBRA

Todas as matérias desta obra são de propriedade intelectual de seus respectivos autores e estão sob a Licença de: Creative Commons. **CC BY-NC-SA** - Atribuição: Não Comercial, Compartilha igual.

"Voluntariamente feito por humanos para a humanidade" <https://br.creativecommons.org/licencas/>



ESPAÇO DA CRIATIVIDADE

CAÇA-PALAVRAS: VIRTUDES

Autor: Toni Parnaso (Porto Alegre, peregrino)

As palavras em maiúsculas podem ser encontradas na horizontal, na vertical, em diagonal, tanto na forma direta ou invertida. (Dica: cedilhas e acentos omitidos).

...

ALEGRIA: Contentar-se com as graças ou oportunidades que surgirem. Evitar expectativas irracionais.

AMOR: Doação, amizade, autoestima.

CARIDADE*: A forma mais sublime de amor. Ajudar alguém nas suas necessidades materiais ou nas imateriais (atenção, companhia, etc).

CORAGEM: Capacidade de enfrentar situação emocional ou moralmente difícil.

ESPERANÇA*: Acreditar no bem. Otimismo.

FLEXIBILIDADE: Não fazer planos rígidos. Prever estratégias de contingências para enfrentar os imprevistos. Aceitar qualquer opção de hospedagem que aparecer em teu Caminho, inclusive locais simples ou rústicos.

GENEROSIDADE: Ver "El Camino" n. 1, v. 3, p. 10. (Donativo ou esmola?).

GRATIDÃO: Reconhecer a maior dádiva que recebestes: a vida.

HUMILDADE: Aceitar o que destino te reservar. Algumas coisas estão fora de teu controle. Admitir as tuas necessidades físicas ou o resultado de tuas escolhas ou planejamento errados.

JUSTIÇA:** Não prejudicar os outros. Tratar os demais como gostarias de ser tratado.

MODERAÇÃO: Evitar extremos. Tolerar injúrias e ofensas (o quanto puder).

PACIÊNCIA: Não ter pressa. Observar o teu entorno. Ouvir as pessoas que encontrar.

PERSISTÊNCIA: Decidir as ações que irás realizar e as execute com dedicação. Adquirir um ritmo de caminhada (ex. 25 km/dia) e continue se movendo, evitando a tentação de parar, ou de pegar um ônibus ou táxi, mesmo no frio, chuva ou neve.

PRUDÊNCIA:** Tentar prever e procurar evitar as inconveniências e os perigos. Cautela, precaução, calma ou paciência ao tratar de assunto delicado ou difícil.

SABEDORIA: Capacidade de reconhecer as coisas que estão sob teu controle. Desapegar das que estão fora de teu controle.

SILÊNCIO: Não fale se não beneficiar outros ou a si próprio.

SIMPLICIDADE: Manter a mochila leve ensina a viver com muito pouco. Não crie gastos exceto para fazer o bem a você ou aos outros. Evite desperdícios.

SINCERIDADE: Não engane. Pense de forma inocente e justa. Caso palavras não ajudarem, mantenha-se calado.

TEMPERANÇA:** Evitar excessos. Não deixe os sentidos te dominarem. Coma sem se empanturrar. Beba sem exagerar.

TRANQUILIDADE: Não se perturbe com trivialidades ou acidentes comuns ou inevitáveis.

*Virtudes teológicas. **Virtudes cardeais.

N D F A E H T L T Y S N C H O S A R A D A A
A E L S A B E D O R I A T L U V L U E C A A
C O E E T E M P E R A N C A M M E E I O G M
E A X R M W D H C S T O O P H I T A U R O
D D I R A A I A I S P W D I A H S L L E E R
T I B R R L L E D A V E N P E U E I D D R N
A T I W W R R C S I R A R B J B E D E A H H
S A L E G R I A R A R U D A N R I A D D D R
I R I D O E E A Ç E D A E R N N E S K I W E
L G D C H E A A O E D N C U E Ç I E E S R O
E E A T N T O A N N H C L R C E A S E O U S
N I D L I E T C E D A D I L I U Q N A R T P
C M E T G M I A S I N C E R I D A D E E O I
I D E T T A S C N B R E E N C R N A H N H P
O R T T A N O N A A I C N E T S I S R E P S
E E D A D I C I L P M I S M N C O R A G E M

SÍMBOLOS DO CAMINHO

PONTES

Autor: Toni Parnaso

As pontes possuem muitas funções, incluindo: transpor rios ou atravessar vales, evitar que se molhe, encurtar o percurso e economizar uma volta ao redor de um obstáculo.

No Caminho de Santiago destacam-se algumas pontes históricas, com linhas simples, mas de rara beleza arquitetônica. Destacam-se: a) Puente Arga, sobre o rio Arga em Puente la Reina, estilo Românico, do século XI; b) Puente Fitero, cruza o rio Pisueraga em Itezo de la Vega, estilo Românico, do século XI; c) Puente del Paso Honroso, cruza o rio Órbigo em Hospital de Órbigo, estilo Medieval, do século XIII; d) Puente de los Peregrinos sobre o rio Meruelo, em Molinaseca, estilo Medieval, do século XII.

Historicamente, os romanos foram exímios construtores de aquedutos, estradas e pontes, obras muito características do Império Romano. A palavra pontífice é originária do latim “pons” (ponte, estrada) e “facere” (fazer), indicando uma guilda (associação) de construtores. Na Idade Média, o sentido original da palavra foi assumido por ordens religiosas que preservaram e desenvolveram as técnicas de construção de pontes e cúpulas. Posteriormente, pontífice passou a designar o papa.

Como metáfora, uma ponte entre pessoas representa a conexão de ideias, ou a união de pessoas de diferentes locais ou condições culturais, econômicas e sociais.

A ponte é a metáfora da transição de uma situação para outra. Esta, provavelmente, é mensagem subliminar contida nas notas do Euro (a moeda da Comunidade Europeia criada no final do século XX). Poucos percebem que todas as notas de Euro contém uma ponte estilizada, materializando a mensagem de unificação da nova Europa.

A ponte representa, também, a ligação entre o mundo material e o espiritual. Na cultura do México, a ponte representa a passagem da vida para o além. No Dia dos Mortos, as almas dos familiares falecidos cruzam esta ponte do além para visitar seus parentes no mundo dos vivos. No Zoroastrismo existe a tradição da ponte do julgamento (Ponte “Cinvat”). Após a morte, todas as almas devem cruzá-la para se dirigir ao além, sendo que as boas ações em vida alargam a Ponte “Cinvat”. No Cristianismo, refere-se que Cristo é uma ponte de ligação entre a humanidade e a divindade.

Inconscientemente, a ponte indica um desejo de mudança. A ponte representa, ainda, a ligação entre aquilo que pode ser percebido e aquilo que está além da percepção. Portanto, **todos os símbolos são pontes.**



Puente Arga, em Puente La Reina. Creative Commons.

DICAS & EXPERIÊNCIAS

PEDRAS DO CAMINHO

Autora: Tania Veitch (Oliver, Canadá, hospitaleira, peregrina)

Antes de eu fazer a minha peregrinação em 2016, reuni várias pedras pequenas de uma praia perto de Victoria. Pinteí nelas setas amarelas com esmalte de unha com o mantra em mente: "Que você sempre encontre o seu caminho". E no decorrer de meu Caminho ou depois, quando fui hospitaleira, distribuí estas pedras para pessoas que poderiam se inspirar nelas para tomar uma nova direção.

Na última quinzena de junho de 2016, fui hospitaleira voluntária no Albergue Paroquial São João Batista, em Grañón, um povoado bem próximo de Santo Domingo de la Calzada. A experiência de voluntariado foi inesquecível, principalmente por causa dos diferentes peregrinos que passavam a cada dia. Apesar de minha caminhada já ter terminado, o Caminho retornava para mim. Cada peregrino com quem falei tinha uma experiência única.

O momento da oração era uma experiência sagrada. Sentávamos em círculo no coro da igreja, onde havia "tronos" de madeira. Começávamos com um momento de silêncio para que todos pudessem refletir sobre o seu dia. Em seguida, acendíamos um círio (vela longa e espessa) e explicávamos que todos faziam parte de uma cadeia ininterrupta de milhares de peregrinos que haviam se sentado naquele lugar diante deles e compartilhando algo de si. Agora, eles também teriam a oportunidade de fazer parte dessa tradição de passar a vela peregrina.

Alguns dos hospitaleiros iniciava com sua história e depois passava a vela peregrina para a pessoa à sua esquerda. Cada peregrino, em sua língua nativa, segurava a vela e compartilhava o que desejava, fosse uma história, uma canção, uma oração ou até mesmo o silêncio. Geralmente era uma experiência emocionante para muitos. Sempre me lembrarei da coreana, sra. He, que contou sua história em sua própria língua.

Eu não entendi uma palavra do que ela disse, mas me arrepiei de emoção e, como os demais, fui levada às lágrimas. Suas palavras e inflexões emocionais durante o seu depoimento ecoaram na velha igreja de pedra enquanto ela segurava a vela e contava sua história. Podíamos sentir na pele a sua dor física, mental e emocional.

Depois dos depoimentos fazíamos a oração do peregrino e dávamos o selo secreto de Grañón. Isto eu não posso contar e vocês terão que ir até lá para descobrir pessoalmente o que é!

Na manhã seguinte, dona He estava no topo da escada com a mochila nas costas e pronta para caminhar novamente. Eu a abracei e desejei um "Buen Camino", então peguei sua mão e coloquei uma das pedras nela. Nossos olhos se encontraram e eu disse: "Que você sempre encontre o seu caminho. Você entende?" Ela acenou com a cabeça e nos abraçamos.

Tradução R.A.V.



**"Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho."** Carlos Drummond de Andrade.